LISBOA — SABADO, 16 DE JULHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 87 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O SERVIÇO dos correios sofre actualmente das convulsões resultantes do descontentamento do pessoal e das más condições materiais em que o trabalho é executado.

Dia a dia se avolumam os protestos dos nossos assinantes e agentes. Que não recebem o «Diario de Lisboa» ou que lhes chega ás mãos por atacado— o que é um grande inconveniente para um jornal que se publica todos os dias.

Não está no nosso feitio ir ás do cabo em assuntos desta natureza, antes de esgotarmos o sistema da persuasão.

Por isso mais uma vez pedimos ao sr. Antonio Maria da Silva a gentileza de tomar sob sua protecção o «Diario de Lisboa»—só no que diz respeito, é claro ao transito que ele é obrigado a fazer pelas ambulancias postais.

* * *

APARECEU mais um português que crê estar muito proximo de descobrir o motu-continuo. E' natural que a descoberta do sensacional invento, quebra-cabeças de tantos homens de sciencia, venha a pertencer a um paiz essencialmente descobridor.

Recordam-se de que o penúltimo compatriota nosso que declarou o problema arrumado, teve necessidade de firmar a sua teoria na magnetisação das pevides de abobora—o que lhe grangeou apupos em plena Camara Municipal e comentarios de «ora abobora».

O inventor que ora nos surge declara que o busilis está em conseguir uma «certa tempera de molas».

Talvez a encontre no ministerio do Interior. Mas nesse caso o sr. Abel Hipolito pedirá com justiça patente de invenção da mola eleitoral—a mola que o conduziu ao descobrimento das eleições continuas...

* * *

O COMANDO da esquadra americana marcou zonas de transito na cidade aos marinheiros que desembarcam, interdictando-lhes uma grande parte da Alta, na qual está compreendido o turbulento bairro onde residem criaturas que gostam de habitar no rez-do-chão.

A America, terra das liberdades, dita como se vê as mais irritantes leis de tirania quando se encontra de visita em casa do proximo.

* * *

OS vogais do Tribunal de Previdencia Social recebem de ordenado quatro escudos mensais, sendo obrigados a duas sessões por mez.

Para evitar que haja sessões extraordinarias, que provavelmente teriam de ser pagas á parte, todas as sessões, além das duas obrigatorias, consideram-se como sendo a continuação destas.

O presidente tem mais um escudo que os vogais mas sugeita-se a descontos. O medico cuja presença era absolutamente necessaria em dados casos, quasi nunca comparece, porque não está para prejudicar-se, abandonando a sua clinica.

Para que o Estado não faça um papel tão ridiculo, os vogais pediram, na sua reunião de hoje, ao presidente que desistiam dos seus ordenados, a não ser que lhes paguem decentemente.

* * *

O «PORTRAIT-CHARGE» de D. Juan de La Cierva que o «Diario de Lisboa» ontem publicou, deve-se ao lapis fulgurante do caricaturista espanhol Silvio.

PARA A FRENTE

Há portugueses que só se acham bem, no meio de situações confusas, detestando os esforços prudentes dos que trabalham por aclarar a treva em que se agacham para rastejar em liberdade os *reptis* de variados matizes e intenções.

Todas as vezes que a nossa vida politica principia a desimpedir-se dos balseiros que a eriçam de dificuldades, aparecem logo uns sujeitos a fazer contra-vapor, gritando que não há conveniencia alguma em sairmos do chouto em que vivemos como um sapo no lôdo dum charco. E quasi sempre vencem.

Em Portugal, constituem grandes fôrças, enormes trambolhos, os ignorantes, os ineptos, os estupidos, os patriotas esturrados, os açambarcadores e exploradores da miseria publica e, sobretudo, os que têm um interesse digestivo em tornar o país escravo dos seus apetites.

Quando o govêrno Barros Queiroz subiu ao poder, encontrou-se num amplo desafogo para iniciar tranquilamente a obra do nosso ressurgimento. Desappareceram as ameaças de perturbação da ordem e todo o país que trabalha acreditou que ia inaugurar-se uma era de paz e progresso.

Realizam-se as eleições e estas que deveram ser para o govêrno a prova provada do seu valimento redundam para ele, se não num desastre, pelo menos num daqueles triunfos em que o louro é substituido pelas ortigas.

No dia vinte e cinco deste mês, reune o novo Parlamento, a fim de habilitar o ministerio a cumprir a sua missão. E' pelo menos esta a formula imaginada pelo sr. Barros Queiroz para traduzir a sua crença no futuro

Corresponderá ela, porém, a qualquer realidade? Aguardemos os acontecimentos. Se o govêrno conseguir reduzir a completo silencio certas vozes discordes que, no seio do Partido Liberal, começam a erguer-se desabridas, a sua precaria maioria talvez lhe sirva de escudo.

O apoio dos reconstituintes—o unico dos grupos rebeldes que mostrou ter pulmões e miolos—caso cheguem a bom termo as negociações iniciadas para os prender ao carro governativo, não é para desprezar, visto que, graças á composição do Parlamento, eles hão de frequentemente decidir dos destinos dos ministerios.

Outro elemento de que o governo não póde prescindir, pois que lhe é tão necesssario como o ar na respiração, é o talento politico, a competencia não só para prevêr os acontecimentos, mas principalmente a arte de os dominar.

Os planos economicos e financeiros do sr. Barros Queiroz cremos nós que valham muito; mas se não souber apresentá-los, defendê-los e acautelá-los contra as investidas manhosas e caladas dos interesses feridos por eles, nada darão de pratico ou util. Um chefe de governo além de bom financeiro deve ser um excelente politico.

Se o sr. Barros Queiroz é uma e outra coisa, como afirmam os seus amigos, então ainda teremos govêrno para muito tempo. No caso contrario, nem vale a pena estar a ampará-lo.

O país deseja ardentemente avançar, romper as cadeias que o subjugam, pôr-se á frente das forças jovens e livres, não podendo demorar-se á cabeceira dos enfermos...»

O retrato do "eleito"

(Desenho de Mamia Roque Gameiro)

—Acho só que ele tem o nariz um pouco grande...
—Ah! não digas isso!... Fui eu que mandei ampliar a fotografia!

NO seio do governo, lavra um grande desanimo. O acto eleitoral não correspondeu ao que dele se esperava. A maioria quasi não existe. Não faltam já recriminações, uns culpando sómente o ministro do Interior, outros ajuntando-lhe, como comparticipante nas censuras, o governador civil de Lisboa.

Um dos membros do governo, certamente o que melhor visão politica possue, disse a um jornalista, um pouco mais ou menos isto:

«Provou-se agora que sem organisação não há partido que triunfe, mesmo que esteja no poder. O partido democratico, sob este ponto de vista, tem vantagens inapreciaveis.

Onde os liberais dispunham de centros, orgãos de propaganda, commissões, venceram. Assim aconteceu, no Alemtejo. Foi, principalmente em certos distritos do centro e norte do paiz que lhe surgiram maiores dificuldades, as quais o pequeno espaço de tempo de que puderam dispôr para montar a maquina eleitoral, agravaram ainda mais.

Garanto-lhe que o governo tal qual está há-de ir ás Camaras, sem remorsos nem terrores, porque não o acusa a consciencia de ter descurado o bem do paiz».

* * *

SABADO passado foi organisado um mapa no ministerio do Interior, destinado á inscrição dos resultados eleitoraes.

Esse mapa, segundo nos afirmam, teve a duração dum fosforo e foi sendo substituido sucessivamente por dezenas de outros mais aperfeiçoados.

O ultimo deve ser o primeiro, mas por emquanto parece que ainda se está na altura do ante-penultimo.

Lembram-se do mapa da Europa de durante a guerra? Esse modificava-se com alfinetes, a belo prazer dos cidadãos e conforme as noticias telegraficas.

O mapa eleitoral do ministerio do Interior não é susceptivel de ser alterado com alfinetes, se bem que para o elegivel seja um mapa de alfinetadas..

* * *

SE o governo lograr equilibrar-se no poder, teremos touros de morte no Campo Pequeno. O sr. Tomé de Barros Queiroz é um dos mais ferverosos admiradoroz é um dos mais fervorosos admirado-

Numa barreira do sector um, tomada de assinatura, o actual presidente do ministerio assiste a todas as corridas.

Nem sequer faltou á festa de José Casimiro, apezar do dia coincidir com as eleições.

Foi talvez por esse facto que os profissionais do toureio eleitoral executaram luzidas «sortes» em varias assembleias—sortes que motivaram colhidas, muitas das quais de certa gravidade para o prestigio do governo.

* * *

A HORA imprópria para ser publicado, recebemos ontem um telegrama do sr. dr. Alberto Souto, protestando contra irregularidades cometidas em Aveiro, durante o acto eleitoral.

Dispensamo-nos de publicá-lo, visto que já veio inserto nos jornais matutinos de hoje.

No entanto queremos acentuar que acreditamos na sinceridade do protesto, e que nos associámos a ele.

CRONICA FINANCEIRA

QUEM OUSA APROXIMAR-SE DO GOVERNO PORTUGUÊS PARA TRATAR DE ASSUNTOS FINANCEIROS?

A NECESSIDADE DE NACIONALIZAR AS COMPANHIAS ESTRANGEIRAS, CUJO CAPITAL É PORTUGUÊS

As responsabilidades de um governador de Banco de Estado—Os cambios—A exportação brasileira

Para nós, que somos portugueses e politica alguma fazemos nesta secção, seria sempre um motivo de regosijo vermos que qualquer governo tinha encontrado uma atmosfera financeira no exterior de molde a concluir-se uma florescencia do credito nacional.

O famoso boato do emprestimo americano de 50 milhões de dolares só nos poderia, pois, trazer esta boa impressão, quando fosse realmente um emprestimo e não uma cobertura de fundos para transacções especiais e localisadas, quando negociado em condições que não fossem ruinosas para o tesouro e quando conduzido através os tramites legais, sem esquecer a sua discussão á luz do dia e por intermedio do parlamento, até á sua sanção.

O *a b c* da seriedade de uma operação dessa natureza é colocá-la logo numa altura de ponderação e aos seus negociadores ou apresentantes externos, de modo que desde logo a operação seja um instrumento automatico da firmeza do credito nacional.

Assuntos desta gravidade não se deixam arrastar pelos «mentideros» politicos, nem rolar pela calçada dos boatos. Ou há, ou não há fundamento. Se o não há, ás primeiras noticias ao governo do país incumbe esclarecer a imprensa, para que o Poder não seja um cumplice tácito da especulação que possa sobrevir, nem, o que é mais grave, visto pelos altos agentes oficiais dos estados estrangeiros como um governo que se aproveita de uma atmosfera de expedientes. Se as primeiras informações de uma tal operação têm qualquer fundamento, o governo dispõe sempre de meios suasórios junto da imprensa para que ela não contrarie os seus bem entendidos silencios que terminam quando a operação está assegurada ou as suas negociações interrompidas definitivamente.

Isto tem todas as vantagens e mais esta: evitar cheques ao prestigio do Poder, mais: ao prestigio do Estado.

Ora é no curto prazo de semanas, três ou quatro, que o prestigio nacional sofre uma contrariedade dêssa ordem.

A primeira foi com o celebre negociador americano de trigos e vinhos. O Douro chegou a queixar-se da morosidade no encerramento dêsse contracto «salvador», e na imprensa chegaram a fazer-se insinuações acusatorias a entidades, de respeitabilidade e inconcusso patriotismo, como as responsaveis pela delonga ou empeno da aceitação e realização dessa famosa proposta.

No fim de uma campanha acerrima, o governo português lembrou-se de tomar o expediente que qualquer lojista adopta ao entabolar negociações com firmas comerciais, mesmo que as suas propostas não venham carimbadas de regiões exoticas: pedir a classica informação comercial.

E pedida essa comesinha informação comercial, a resposta foi concludente e contundente: o tal negociador de trigos americanos e vinhos portugueses, que batia o pé ao governo português, exigindo-lhe imediata abertura de creditos, não passava de um aventureiro da finança, que se sumiu pelo alçapão por onde desaparecem os «ratos» de hotel.

Encadeia-se agora nova série de noticias e boatos sobre um emprestimo de 50 milhões de dolares, trava-se uma campanha, força-se a opinião, e o governo assiste mudo e quedo a êste barulho todo, até que na passada quinta-feira, 14 de Julho, o «Diario de Lisboa» abriu a sua primeira página pela sensacional revelação: o governo americano desconhecia as negociações dêsse emprestimo e os exportadores americanos de cereais não tinham dessa operação maior noticia que o seu governo.

Até agora não vimos qualquer desmentido.

Como e quem se permite aproximar dos governos dêste país para tratar assuntos financeiros?

Que responsabilidade quere ter s. ex.ª o sr. presidente do ministerio nesta nova partida de aventureiros, com o seu mutismo?

Não basta encolher os ombros e declarar que eram aventureiros os pretensos negociadores.

E' preciso que os governos se lembrem e atentem na impressão que há de causar este simples facto de Portugal estar sendo procurado pelos aventureiros da França para terreno das suas manigancias.

Onde está a ponderação oficial que põe a Nação a coberto dêstes vexames e dêstes perigos? O que responde a isto s. ex.ª o sr. ministro dos estrangeiros?

Quem nos responde afinal pelo prestigio do país e pelo credito nacional que pode ficar muito peor do que estava antes dessas anunciações de maravilhosos emprestimos da America?

* * *

Estes dois assuntos que acima comentámos são de molde a tornar evidente uma orientação, diferente da que se tem seguido até aqui, em materia financeira. Cada um no seu oficio e no seu papel: os assuntos financeiros aos financeiros.

O prestigio do Estado e a honorabilidade dos homens do governo não podem estar á mercê de tentativas de armadilhas de aventureiros. Para se pôr a coberto da repetição dêstes dois ultimos desairosos casos, o governo português tem de banir das suas ante-camaras os «brasseurs d'affaires», sejam quem forem e venham de onde vierem, e tratar os assuntos do Estado através entidades financeiras, acreditadas no país e como tais mereçam imputabilidade.

* * *

Não é só uma informação, cremos que vai ser um facto, confirmado muito em breve, a criação de um nucleo de accionistas nacionais de companhias que correm com o rótulo financeiro de empresas estrangeiras quando o capital é português.

Não é só um facto: é uma necessidade.

Exige-o a dignidade nacional, o patriotismo e até os bons principios de economia nacional, que vê andar por lá, quando não estão parados, os capitais de orfãos e viuvas, anos e anos sem verem um centavo do dividendo nem a consideração se lhes ligando de um relatorio que explique os actos da sua administração.

* * *

E' de notar êste contraste: S. ex.ª o sr. presidente do ministerio, que tem por dever do cargo a obrigação de falar, de proferir as altas informações oficiais — mudo; s. ex.ª o sr. governador do Banco de Portugal que, pela melindrosa natureza do cargo, deve estar calado como um rato — um papagaio.

Não se compreende nem a ligeireza com que um goevrnador do Banco emissor, o Banco do Estado, se pronuncia sobre tão graves assuntos, como sejam cambios, nem se explica como s. ex.ª faz profecias cambiais e o Banco que êle governa as desmente.

De duas, uma: ou s. ex.ª fala bem, e os directores do Banco de Portugal trabalham mal — e a s. ex.ª compete uma fiscalização rigorosa do maleficio; ou a direcção do Banco trabalha como pode e deve e o senhor governador é que anda mal, arriscando a comparança com qualquer bruxa que lesse a sina do cambio pelas linhas da mão do sr. Barros Queiroz.

Torna-se forçoso mais ponderação, da parte de quem está incumbido de recordar a todos, a começar por si proprio, que no Banco do Estado repousa todo o sistema do credito nacional.

* * *

Como se costuma dizer os algarismos falam como gente.

Aqui ficam, pois, os numeros que exprimem a marcha cambial da ultima semana:

	LIBRAS	
	Compra	Venda
2.ª feira 11 de Julho de 1921.....	32$00	35$00
3.ª » 12 » » » »	33$00	35$00
4.ª » 13 » » » »	33$00	35$00
5.ª » 14 » » » »	35$00	38$00
6.ª » 15 » » » »	34$00	37$00

* * *

A exportação do Brasil para a Europa está aumentando, o que equivale a dizer que a balança-ouro vai receber novos recursos que devem compensar o Brasil da sua momentosa situação cambial.

TEATROS

AS "PREMIÈRES" DE ONTEM

EDEN — "Pé de Dança" — Revista em 2 actos e 7 quadros, original de Carlos Leal e Avelino de Sousa

«Pé de Dança» é uma revista alegre, bem movimentada, bem sapateada, com alguns ditos de espirito, ora espontaneos, ora rebuscados, laboriosamente dados á luz. O segundo quadro, «O Grande Sabio», é de mau gôsto, quasi grosseiro, com os «double-sens» muito mal embrulhados. Esta nota, felizmente, atenua-se bastante nos restantes quadros. Há a destacar nesta revista alguns numeros perfeitamente «reussis» dentro da atmosfera de um teatro popular. «O bombista», « O homem que sabe tudo», são duas rábulas modelares.

No «Pé de Dança» há ainda uma ansia de parisianismo, que fica apenas em ânsia, mas que dá á revista uma certa frescura, uma frescura que não vem apenas dos ditos... Assim, os frizos de bailados no proscenio durante a mutação dos quadros, assim o aproveitamento de alguns elementos de «Paris s'amuse», grinalda de lindos corpos...

O desempenho confiado a alguns dos melhores actores e actrizes do genero, contribuiu bastante para o agrado da revista. Carlos Leal, pai e «compère» do «Pé de Dança», representou com a desenvoltura de sempre. Artur Rodrigues, um dos nossos melhores actores populares e um dos menos louvaminhados, foi perfeito em todos os seus papeis. Teodoro Santos teve a infelicidade de se encarregar de um recitativo, escrito especialmente para a geral, um recitativo com gargalhadas sinistras e com os remendos da praxe. Das actrizes, Ema de Oliveira e Zulmira Miranda continuaram nos postos avançados... Todos os outros interpretes mantiveram-se, com valentia e brio, nas suas posições. A musica já ouvida, volta-se a ouvir com interêsse. O scenario é limpo e agradavel. A apoteose do primeiro acto bastante feliz. A apoteose do segundo a João do Rio é simpatica na intenção. Na verdade, é preciso que Portugal avalie a perda que sofreu com a morte do ilustre escritor, é preciso que Paulo Barreto renasça em todos nós, renasça português...

A. F.

GIMNASIO — "O celebre Pina" — Farça adaptada por Carlos Ferreira, Guedes Vaz e Pedro Bandeira

O teatro do Ginasio reabriu ontem para a época de verão com uma farça adaptada de qualquer original espanhol que o cartaz não menciona e a que os adaptadores resolveram chamar «O celebre Pina». São três actos alinhavados sabe Deus como, depois de uma farta colheita de piadas e anecdotas pelos almanaques mais em voga, girando tudo em volta de um falso capitão de navios, que nunca fez mais do que a travessia do Tejo. A farça desculpa certos disparates da adaptação, que nem têm sequer o condão de fazer rir a plateia. Algumas scenas têm, no entanto, um flosinho de graça. Com alguma boa vontade, toda a gente pode rir.

Alves da Cunha deslocou-se e não brilhou Nem podia. Fez uma rábula agradavel. Amelia Pereira está sempre á vontade neste género de teatro. Joaquim Prata, que andou largo tempo pelo tablado das revistas, é um comico de merecimento. Otelo de Carvalho repete-se constantemente. Os restantes interpretes contribuiram com o seu esfôrço para o êxito relativo do «Celebre Pina».

Espectaculos

S. CARLOS—A' 21,30—«Entre Giestas».
NACIONAL—A's 21,15—«Manelick».
S. LUIZ—Fechado.
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«A Dama das Camelias».
POLITEAMA—A's 21,30—«Miss Diabo».
EDEN—Fechado—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21-30—Variedades. Campeonato internacional de luta.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A Rosa do Jardim».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
SALÃO DOS ANJOS—A's 21,30—Cinema e variedades.

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda, na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

S. CARLOS *Companhia:* **Rey Colaço Robles Monteiro**
Hoje ás 9 e meia **ENTRE GIESTAS**
O MAIOR SUCESSO DA EPOCA
Brilhante desempenho de **Amelia Rey Colaço, Antonio Pinheiro e Robles Monteiro**

ARTE & LETRAS

ASSUNTOS DE ARTE

Parece que Wagner e Oscar Wilde viveram na crença de que a alma humana na sua singeleza —«tout aussi bien qu'une fleur en s'épanouissant»—tem a consciencia do belo e sente as emoções mais puras que ele pode sugerir.

Como as religiões, de que tem sido sempre uma companheira inseparavel, a arte tambem tem os seus dogmas e vive nos mesmos misterios. Ela como que resulta dum sentimento todo espiritualisação, «qui est caché derriére toute forme, dont les contours peints ne sont que des modes de manifestation» e a que tudo obedece...

Com relação á humanidade, este sentimento, como noutros seres, exteriorisa-se expontaneamente, e em toda a sua pureza emotiva, sob fórmas ou expressões esteticas, que constituem a arte popular, em que se reflete a vida instintiva—que o refletem a si mesmo—e onde ele se refugia e defende como um dom divino, com um poder incompreensivel, das iras que, na senda do progresso, lhe arremessam os idiais que procuram engrandecer-se na conquista do ponderavel, e que na ancia de tudo limitarem, o têm por vezes ensandecido, cercando-o da fria expressão mecanica do poder sempre crescente e variavel das concretisações.

A arte é o oculto do que a vida tem de subjectivo; interessa apenas—primeiro que tudo aos sentidos, sendo sempre uma expressão de valor maximo, porque é uma expressão dum poder de valor imutavel—o instinto. E é por isso, que ela não evoluciona; pode ser apresentada sob fórmas mais ou menos complexas, sob os modos mais diferentes, mas o seu poder de espiritualisação é sempre o mesmo.

Sob qualquer aspecto é sempre a natureza recreando-se, ou achando lenitivo, na contemplação de si mesma... O seu poder subjectivo e sugestivo—o seu poder de dicção, e ela é o culto deste poder—pode revelar-se tão intensivamente num proposito da vida emotiva duma crença como na arte popular e na arte classica.

A arte é uma religião... Tem os seus templos nas regiões fantasticas do abstracto, a patria do belo, onde existe o que não é dado ao entendimento... E' uma expressão expontanea da vida instinctiva, que nela revela o que tem de misterioso, e que por meio dela determina, na eternidade dos tempos, a feição de cada epoca, e consoante a região...

Ela tem por fim, por nobre e sublime missão, revelar o infinito poder do incompreensivel, poder que se revela sobretudo quando anima, e faz viver como se fossem dos dominios da natureza visivel, os pululantes seres quimericos que povoam o mundo infinito da fantasia!...

A arte vive da abstracção e por isso anima por igual tanto o que é o mundo visivel como o que é de natureza quimerica. Mesmo quando realistica, só encontra a expressão da realidade no que é subjectivo e não na sintese do maior numero de conhecimentos. Portanto a arte realistica e a arte puramente idialista são uma e a mesma coisa: são ambas manifestações de ordem puramente subjectiva.

Nos dominios do subjectivismo—perante os sentidos—formas ou expressão scientificamente iguais podem ter expressão diversa; e o contrario tambem se dá. E a arte, «mesmo dentro dos bons principios, e mesmo quando realistica, exprime apenas o que «parece» e não o que «é». Pode dizer-se que em arte o que «é» é o que «parece». Ela revela-se apenas na eloquencia com que se fixa ou se exprime o que parece do mundo visivel e o que se deseja do mundo quimerico. E é nisto que se encerra toda a «Magna Questão».

O ilimitado, o que é susceptivel de ser infinitamente variavel, só existe no que é de natureza scientifica: cade vez se conhece mais e cada vez há mais necessidade de se conhecer... Só no que é de natureza subjectiva se revelam as grandes verdades da vida. Por menos em arte, a realidade é uma abstracção...

A arte dirige-se aos sentidos e não ao entendimento, como pretendem os principios materialistas, os quais, «apesar de não haver uma unica experiencia ou descoberta materialista que não contribua para a espiritualisação do mundo», já por vezes teem obliterado, no seio das sociedades cultas, o bom senso.

Se efectivamente o que a arte tem de nobre, o principio que a anima e faz caminhar, cheia de eloquencia, através das gerações como se fosse um ser pensante —«les formes plus reeles qu'un homme vivant lui apartiennent»—se sente e não se compreende é porque ella é as delicias de um *efeito* e não o prazer que resulta do conhecimennto de uma causa.

Apesar de nos abismos insondaveis da vida ser impossivel estabelecer limites, no entanto ela distingue-se perfeitamente das outras manifestações da inteligencia por ser susceptivel de perfectibilidade independentemente do poder raciocinante. Quando subjugada por este estiola-se e banalisa-se, não lhe interessando a realidade scientifica nem tão pouco o «truc-habilidoso», automatisado pelo treino e destituido de desejo.

Emfim, ela, uma qualidade e não uma quantidade, é a antitese da sciencia como o que é instinctivo pode ser a antitese do que é reflectido. Não é propriamente o culto dos conhecimentos, e o mundo teorico, quando muito, não lhe serve de mais do que dum banal e imperceptivel veiculo de onde ela tudo deslumbra...

Sem estes principios que a divinisam e que tudo agitam, e a que obedecem as manifestações da vida emotiva—do infinito dirigindo-se ao infinito—a arte gotica e a arte oriental, fórmas eruditas do espirito naturista—saidas da vida como ela é aos sentidos—não teriam fixado tão irrepreensivelmente a natureza visivel, nem seriam das mais sugestivas mesmo em pleno materialismo. A arte de fra Angelico, do divino fra Angelico, toda unção, concebida em simples raciocinios como os que justificavam, nas civilisações historicas que mais engrandeceram o poder subjectivo do sentimento estetico, o sistema dos sete ceus, não teria atingido o inexcedivel.

Mr. Jean Paul Laurens, tambem em pleno materialismo, não teria dito, a proposito dum estudo scientificamente figurado mas destituido de vida: «il lui manque du travail transcendent»; nem esta outra frase, a respeito dum outro estudo pacientemente feito mas ouco de inteligencia: «é um mau estudo bem feito». Pelo contrario, a arte ainda não só não teria atingido a sua perfectibilidade maxima como nunca a atingiria!...

E' um facto—que para mal das expressões esteticas tanto tem sido esquecido, e este esquecimento é que ocasiona a decadencia da arte classica, assim como a «curiosidade» é que a germina nas fórmas eruditas da arte naturista—que á medida que os conhecimentos aumentam, mais dificeis e raras e menos sugestivas são as manifestações de arte. E' preciso nunca esquecer esta grande verdade «de que um excesso de intenção intelectual, a que facilmente conduz o espirito scientifico, pode prejudicar na sua emotividade —no que a justifica—uma obra de arte». Já na mitologia chineza estava formulado o principio de que o uso imoderado da sciencia era prejudicial á humanidade... o que não quer dizer que a morte mesmo o bom senso colectivo tambem não seja como em tudo inevitavel...

Miguel Angelo e outros genios da arte classica, e os raros dos tempos que lhes foram posteriores, cometeram erros de pura sciencia, os primeiros por «dificiencia» das suas epocas, e os outros por irreflexão ou ignorancia—na ignorancia, que nada tem com a estupidez, cabem os genios—e talvez tambem por conscienie superioridade, erros que proporcionam as lições mais eloquentes do ensino teorico professado nas escolas de belas-artes; mas nem por isso, eles e as obras em que figuram esses erros, deixarão de ser em todos os tempos, sob todas as fórmas do saber, menos geniais.

A arte quando muito apenas poderá ser apresentada como um problema insoluvel e nunca como emergente duma solução. Foi uma fantasia grosseira, ou mera ingenuidade, imaginá-la encerrada no principio das três dimensões, e deixar apenas de fóra, serpentiando-se como uma cauda, em meneios caprichosos, a arte idialista.

A arte é a expressão dum poder—a suprema inteligencia, de que ele é o culto —que tudo «vivifica», e perante o qual a vida, no universo, atravez das suas multiplas fórmas e dos mais variados aspectos é una e imutavel.

Este poder só subjectivamente pode ser revelado. Cada expressão dele representa-o no todo, e ele está no que em cada uma das suas expressões, mesmo a mais rudimentar, tem de incompreensivel.

A tradição de Cristo, suprema expressão do espirito romantico, é a sintese mais perfeita de todas as verdades da vida, do que a vida pode ter de bom e de perverso, de patetico e de misterioso, de gosos e de sofrimentos... Nenhuma sciencia podia ser mais precisa e completa; «toute chose pour être vraie doit devenir une religion», e as religiões e o romantismo são essencialmente expressões subjectivistas—em que os raciocinios cedem o passo ás emoções.

E' fora de duvida que a vida das civilisações antigas passava-se mais no estudo da natureza como a natureza se apresenta, cheia de verdades, aos sentidos do que nas civilisações ultimas. Como as crianças, ou na vida pastoril, essas civilisações, que se engrandeceram no puro naturismo, viviam uma vida mais instintiva, mais em harmonia com a vida exterior. Os seus raciocinios eram de mais facil intuição; as expressões da inteligencia eram mais sinteticas, não se perdiam nos emaranhados e laborintosos sistemas mecanicos com que o espirito scientifico, num crescendo assustador, parece que no proposito de desligar da natureza a vida humana e de tudo desvendar, deu a nota predominante das nossas civilisações, tornando ressequido o poder imaginativo e destituindo de frescor as expressões da inteligencia... Foi só então que a natureza poude revelar as suas grandes verdades, fixando os filosofos da antiguidade, os principios em torno dos quais a vida gravita.

O realismo scientifico, pelo menos aplicado na arte, é um completo desastre, porque pretende ter achado o que não existe... Nos seus limites não só «a arte é completamente inutil» como a vida é um desastre do destino!

Da luta sem treguas entre o objectivismo e o subjectivismo surgem as expressões classicas, que não são mais do que a arte expontanea—a arte popular—ataviada de «sciencia».

A arte classica é uma reconciliação «aparente» entre o finito e o infinito; produz-se sempre que as expressões destes dois poderes atingem, em comum, o maximo de expressão. Mas a decadencia é certa, tanto quanto ás epocas, como quanto aos individuos, sempre que o que é de natureza objectiva subjugue o que é de natureza subjectiva.

No entanto a arte não classica não é menos sugestiva o que a arte classica, pois que emquanto a arte primitiva—a arte gotica—fazendo descer sobre si as scentelhas que iluminam a vida, pode ser a apologia da ousadia de Prometheu, o classicismo já é a sua condenação. Perante o realismo scientifico a que nos conduz o espirito classico, Prometheu, quando muito, não passa duma tolice... A Venus Impudica dos tempos prehistoricos, que tirou o nome de si mesma, que logrou um nome tirado do que exprime e que um tratadista de anatomia tem o direito de olhar com desdem, é mais eloquente—sugére mais vida, porque é mais statuetta—do que a Venus de Milo!

A arte é a apologia do subjectivismo e não do objectivismo, que pode em absoluto deixar de lhe interessar. A arte oriental, toda espiritualisação, repassada de subtilezas de espirito que tanto divinisam a vida, é a mais eloquente justificação disto, ou então a base sobre que assenta todo o trabalho de analise scientifica tambem não é mais do que uma ficção...

A invasão do abstracto pelo concreto, de que as fórmas de arte preponderantes na historia acusam a marcha, tornou-se assustadora com a destruição dos seis ceus!... Duma maneira geral depois da renascença, saida dos primeiros passos para esta derrocada, e que já trouxe em si, em caracteres bem visiveis, o selo do «vicio», a arte banalisou-se, e apenas aparece em toda a sua exuberante eloquencia, nos raros que, sem darem ouvidos a Caliban, conseguiram isolar-se na vida contemplativa.

«Neste novo mundo», de que a renascença foi o alvorecer, e cujo inicio ficou genialmente assinalado no «Alvorecer» de Miguel Angelo—uma cabeça atenta, de fórmas irreflectidas, que, magestosamente, num sistema de simetria vertical, se levanta por detraz dum ombro descomunal dum corpo ainda adormecido e de movimentos scientificamente condenaveis, fazendo lembrar o assomar do sol por detraz duma montanha, sem a consciencia do que se lhe depára—as manifestações da inteligencia passaram á categoria de verdadeiros esforços de acrobatismo; e a arte, que verdadeiramente arte já não é, pois que o reflectido entorpece-lhe o sugestivo, perdeu o frescor da expontaneidade com que se revestem as expressões da natureza livre.

Mas ainda assim, como uma centelha que nada pode destruir, vemo-la, algures, mesmo no seio das sociedades cultas, refugiar-se, intacta e em toda a sua pureza emotiva, nos azulejos do seculo XVIII, e, nos ultimos tempos, no que a caricatura pode ter de serio.

Cabral de Lacerda

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Horas trágicas . . .

Meu amor:

Não me viste ontem. Não me vês hoje. Deus sabe se terei coragem para deixar que me vejas ámanhã. Estou vivendo horas de tragédia e de angustia.

Fui ontem ao barbeiro.

Como sou um espirito fraco, não sei ter freguez certo; *custar-me-hia descoroçoar os oficiais solicitos que, apenas entro, se precipitam para junto das cadeiras vazias. E escolho um qualquer... O resultado é cair sempre nas unhas do mais inexperiente, o qual, crente fóra de horas, me reproduz no cabelo as escadarias interminaveis do Bom-Jesus; ou, vegetariano intempestivo, me dá á cabeça rotundidades inèditas de melancia.*

Tudo quanto se tem escrito ácerca dos barbeiros é palido fraseado ao pé das acerbas catilinarias que merecem; classe adocicada de torquemadas dada á luz por madame Lucifer em 5.ª feira da espiga!

Fui ontem ao barbeiro...

Ao lado de mim, um chefe de familia que ligava uma importancia comprometedora, ao «pli conquérant» do bigode, contemplava no espelho, com metade da cara nevada de sabão e a outra metade rubra de colera, a lamentavel ruina do que fôra todo o seu orgulho:

— Olhe como você me poz, homem! Pareço um bóde.

Mais para lá, um rapazinho magro, de expressão alheada, caira nas garras do dono da casa. Devia ser um poeta. Deviam ambos ser poetas! Atravez de todas as vicissitudes o olhar do paciente mergulhava num livro: qualquer girandola de palavras do João Ameal, quaesquer orchideas de setineta do Alfredo Pimenta. Tinha de torcer-se, de insinuar o olhar pelos acanhados espaços que os contornos do mestre lhe deixavam, para continuar a lêr. E mal sonhava que entretanto, com o mesmo carinho com que Rodin humanisou gessos, o despota a que se entregára lhe erguia sobre o craneo uma coisa formidavel, que oscilava entre a cabeça de medusa e os rodopios provocantes, massiços, sebaceos, de uma manóla *de 8.ª categoria.*

A' minha esquerda, um homem gasto desistirá de lutar. Pendia-lhe a fronte sem energia; e as reservas, *cansadas e rálas por bons dez anos de serviço activo, pendiam-lhe todas para um lado, bamboleantes, como aqueles reposteiros semi-selvagens de canudinhos de cana...*

O espectaculo desopilava-me; sentir-me-hia feliz sem o grasnar da tesoura que me ia ceifando a grenha, insistentemente.

Até que a realidade me acordou. Pegando num espelho pequeno, o meu algoz postou-mo da banda de trás, escolhendo a posição em que eu melhor visse, reflectida, deante dos olhos, a devastação que por lá ia. Sobre uma planicie arida, (que outra coisa não era a minha nuca até quatro dedos acima do colarinho) caiam subitamente rêpas inesperadas, vindas de muito alto.

Olhei para ele; olhou para mim, e sorriu. Parecia satisfeito, o infame. Preferi não lhe dar o goso da minha furia.

Resolvi sair dignamente, como pessoa que não mais cruzará o limiar de uma porta odiada;—mas o meu chapeu, comprado num periodo de excessiva exhuberancia capilar, resolveu, privado do seu apoio natural, descer-me até ao pescoço; e só o detiveram na queda as orelhas, que se curvaram num esforço titanico, e que continuam a ampara-lo agora, quando vou pela rua, como duas misulas contrariadas...

Ah! não ter eu um segredo qualquer para bater, mas para bater á doida naquele miseravel que me pôs com cara de S. Francisco do Assis!

Adeus, meu amor. Lamenta o

Pedro

P. S.—*Vou aprender a jogar o* box.

Solicitadores encartados

Segundo o costume dos anos anteriores reuniram hoje na Praia das Maçãs em banquete de confraternização os solicitadores encartados de Lisboa.

A festa decorreu alegremente.

UM INQUERITO DO "DIARIO DE LISBOA"

VAI HAVER TOUROS DE MORTE?

FALA O SR. CARLOS IGLESIAS VIANA, ANTIGO PRESIDENTE DO CLUB TAUROMAQUICO

"As corridas de touros de morte, em vez de preverter, criam caracteres e retemperam o vigor de um povo, como tem sucedido em Espanha"

O nosso jornal, em face do interesse que está despertando a questão das corridas com touros de morte, cuja autorização foi solicitada do govêrno por uma importante representação de ganaderos e aficionados, resolveu ouvir algumas pessoas ilustres da nossa terra, criadores de gado, profissionais da tauromaquia, homens de letras e artistas, no intuito de averiguar se tal genero de espectaculos encontra entre nós um meio favoravel. Abre a nossa serie de consultas e entrevistas o sr. Carlos Iglesias Viana, formado em zootecnia, e antigo presidente do Club Tauromaquico.

I — E' vocencia de parecer que se deva revogar a lei que proibe que em Portugal se lidem touros de morte?

—Escusado é dizer-lhe que é essa a minha opinião ha muito tempo.

II — O facto de serem as corridas com touros de morte uma escola de energia fisica, senão tambem moral, será recomendação forte para que se restabeleçam?

Para mim, o espectaculo tal como existe entre nós (isto é, sem a morte do touro), não tem justificação possivel, pois é apenas uma parodia de um espectaculo grandioso.

As corridas de touros teem como fim o apuramento da raça de touros de lide e só nas corridas com a sorte de varas se pode apreciar a sua bravura, sendo as sortes que se seguem o preparo para a morte.

Isto é, o espectaculo, tal como se pratica em Espanha, tem um fim: ver a bravura do touro em primeiro lugar e depois apreciar a destreza e arte dos toureiros nas sortes necessarias para o preparar para a morte.

Para mim, é mais selvagem a corrida de touros em Portugal, do que em Espanha, porque lá tem uma intenção tudo quanto se faz, ao passo que aqui sacrifica-se um animal sem se lhe apreciar a bravura, para no final se remeter para o campo.

Ao contrario do que toda a gente pensa, as multidões que enchem as praças em Espanha, como as que as encherão ámanhã em Portugal, não procuram ver sangue, nem carnificina, mas sim a bravura do touro e a coragem, agilidade e saber na arte de tourear.

As corridas de touros de morte, em vez de perverter, criam caracteres e retemperam o vigor dum povo, como tem sucedido em Espanha.

III — Tais generos de espectaculos encontrariam no nosso publico um meio favoravel?

Se ámanhã fossem autorizadas as corridas com touros de morte, todas as tardes se esgotariam os bilhetes.

Basta ver desde os tempos de Guerrita e Reverte quando as empresas davam corridas ao dia da semana e tinham medo de não ter gente faziam espalhar á boca pequena que o «espada» trazia o estoque e matava um touro sujeitando-se a pagar a multa.

Bastava isto para a enchente ser certa.

Emfim, basta ver a quantidade de portugueses que vão a Badajoz, Sevilha, etc., e que se deslocam com sacrificio de comodidade e dinheiro para ver o entusiasmo e o que ha em Portugal pelos touros de morte. E mais, se o publico com as nossas corridas que como digo são uma parodia ao verdadeiro toureio enche quase todas as tardes a nossa principal praça e apezar de quase sempre sair aborrecido, volta lá no domingo seguinte, se tivesse o espectaculo a serio estou certo que ainda era mais entusiasta do que os espanhois.

IV — Restabelecendo-se, com que latitude? Não se poderiam encontrar meios especiais de adaptação, corrigindo o que teem em Espanha de mais chocante, como seja a açougada dos cavalos?

O espectaculo poderão dizer que é um pouco barbaro. Mas todos os povos teem um instinto, e vale mais contentar esse instinto em ver corridas de touros de morte, do que em se matarem uns aos outros como ultimamente tem sucedido no mundo civilizado.

Como ressurgimento das corridas de touros em Portugal e como medida transitoria acho que se deve começar por matar os touros lidados a cavalo, evitando assim em principio a morte dos cavalos de picadores, muito embora estes quando vierem, ser com as capas de couro de defesa, o que evita muito a parte má do espectaculo. Como sucede em França, país tido como modelo de civilisação, onde existem as corridas de touros de morte com tendencia a maior desenvolvimento, pois já este ano foi inaugurada uma nova praça em Bordeus para 20.000 pessoas.

V — Seriam realmente um incentivo para o aperfeiçoamento da especie taurina, e teria tal facto repercussões favoraveis na lavoura e na pecuaria nacional?

As vantagens são evidentes. Em primeiro lugar uma maior contribuição para o Estado, que poderia tributar as corridas de touros, de maneira a tirar dahi uma fonte de receitas apreciavel.

Lucrariam as instituições de beneficencia e as classes pobres, a quem a carne dos animais toureados podia ser vendida a preços baixos. Desenvolver-se-hia, sem duvida, a creação de gado e correlativamente o seu aperfeiçoamento, é inutil demonstrá-lo.

VI — O renascimento duma arte, que morre ao presente, autenticamente iberica, poderia vir a ter uma influencia util no caracter, costumes e manifestações do nosso povo?

Emfim, é minha opinião que todos os povos devem conservar os costumes e divertimentos que existiam quando eles foram grandes e se impuzeram ao mundo pelos seus feitos.

Fazer ressurgir em Portugal as corridas de touros de morte é contribuir para retemperar a raça, creando-a no culto da destreza, agilidade e valor que teve noutros tempos.

Muitos argumentos teria para aqueles que acusam as corridas de touros de espectaculo selvagem, mas falta-me o tempo e por isso apenas lembrarei que elas existem em França, e que mais selvagem é o box que acaba de ter milhões de pessoas interessadas pelo resultado dum dos seus «match»

O leilão Ameal

Rendeu ontem 45 contos

COIMBRA, 16

O leilão Ameal rendeu ontem 45 contos. A camara municipal de Lisboa adquiriu por três contos dois quadros de Domingos Sequeira, um dos quais representa a cidade protegendo os atacados de peste. O sr. Luiz Nobre, de Lisboa, adquiriu por quatro contos um quadro de José Rodrigues.

Notas Mundanas

Diplomatas

O secretario da embaixada do Brazil em Lisboa, sr. dr. Roberto Macedo Soares e madame Macedo Soares, ofereceram ante-ontem na sua elegante residencia, um explendido jantar a que assistiram as sr.as D. Halia Correia Leite e filha D. Dalila, D. Maria Augusta de Forjaz Trigueiros, e os srs. dr. Armindo Correia Leite, dr. Julio Dantas e Luiz Trigueiros.

A caridade

Na quinta das Mil Flôres

E' hoje que se realisa na quinta das Mil Flôres, a Sete Rios, a anunciada festa de caridade, organisada pela sr.ª D. Berta Macieira Reis e por seu marido o sr. Carlos Ramires dos Reis, a qual constará de arraial, venda de rifas, tombola e descantes populares, em que tomam parte varias meninas e rapazes da nossa sociedade elegante. Esta nova festa de caridade será o ponto de reunião de tudo que de melhor ainda se encontra na capital.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Eliza Caldeira Otolini de Brito e Abreu, D. Maria Ana da Cunha da Camara e D. Maria Luiza Ferreira de Lima.

E os srs.:

Conde de Paraty, D. Luiz Mendia de Lencastre e Sebastião Maria do Carmo Pereira da Cunha.

A esquadra americana

O almirante Hughes cumprimentou hoje as autoridades superiores da marinha

O almirante sr. Hughes, comandante da esquadra americana, acompanhado do oficial da nossa marinha de guerra, capitão de fragata sr. João Manuel de Carvalho, do seu ajudante capitão-tenente sr. Fithian Kingran e dos srs. ministro da America e secretarios, foi hoje retribuir os cumprimentos a bordo do cruzador «Vasco da Gama», ao comandante das forças navais surtas no Tejo, sendo ali recebido com todas as honras e com a salva da ordenança; em seguida veiu cumprimentar os srs. ministro da Marinha, major general e director geral dos serviços fabris, cumprimentos que serão retribuidos pelas 13 horas, na proxima segunda feira.

O almirante Hughes, acompanhado pelo sr. ministro da America em Lisboa e oficiais americanos e portugueses ás ordens foi hoje cumprimentar o sr. governador civil de Lisboa.

Na legação americana e a bordo do "Vasco da Gama"

O coronel sr. Thomas Birch recebeu na legação americana a visita dos srs. governador civil, major general da armada, do capitão do porto de Lisboa e do director do arsenal. Foi, pois, retribuindo estas visitas que o sr. ministro da America acompanhou o almirante sr. Hughes e o ajudante dêste, Fithiar Kingman, ás personalidades citadas.

O sr. Hughes e o seu ajudante dirigiram-se á tarde num gazolina americano a bordo do «Vasco da Gama», onde foram recebidos pelo comandante, o capitão de mar e guerra sr. Francisco Eduardo dos Santos. Aquele couraçado salvou á saida dos visitantes. Seguiu-se a visita ao sr. ministro da marinha.

No ministerio da marinha foram recebidos pelo chefe do gabinete, o capitão de fragata sr. Freitas e Silva. Houve cumprimentos afectuosos. Os visitantes dirigiram-se ainda a cumprimentar o major general da armada, almirante sr. Julio Gallis e o vice-almirante D. Bernardo Mesquitela, director do arsenal.

A' hora do nosso jornal entrar na máquina o sr. ministro da marinha, acompanhado do seu ajudante de campo, dirige-se a bordo do navio chefe da esquadra americana, num gazolina da Base Naval. Vai retribuir a visita do almirante Hughes.

Além-mar

Em vista do telegrama enviado pelo ministerio das colonias, já assumiu o governo da provincia de Timor o sr. Manuel Fernandes Costa.

O cruzador «Republica» recebeu ordem para se demorar nos Açores até que o acto eleitoral ali termine por completo.

A CIDADE

O MOMENTO POLITICO

A ATITUDE DO GOVERNO PERANTE AS ELEIÇÕES

O sr. dr. Antonio Granjo, ilustre ministro do comercio, diz ao "Diario de Lisboa" que o governo contava com 100 deputados e que só conseguiu 70

A candidatura do sr. Aires de Ornelas — Porque venceram os manuelistas no circulo ocidental — O governo vai ás Camaras — Um dictado grego: 'Faz projectos como se vivesses cem anos' — A questão do Douro — Porque razão o sr. dr. Nuno Simões perdeu a sua eleição por Vila Real — O regionalismo, como partido politico, falhou

O sr. dr. Antonio Granjo, como politico de sólida e suculenta educação inglesa, dedica todas as suas manhãs ao sport do «tennis». Não o sabiamos. E foi por o desconhecer, que ontem passeámos de lés a lés aquela rua meio aristocratica, meio burguesa, que uma vereação de «ancien regime» crismou de João Crisostomo, crisma que as edilidades tota-ponescas têm respeitado, mesmo apesar — estamos certos — de todos os protestos do registo civil. O sr. ministro do comercio despontou por fim. Chapeu de palha, barba musguenta, jaquetão desapertado, deixando exibir em toda a extensão a corrente de ouro, bota a duas côres; uma patine de poeira, propria da estação e propria do «tennis». Passámos a porta da sua residencia. O jornalista á frente, o sr. Granjo atraz. Nós não o queriamos, mas o sr. ministro insistiu tão delicadamente...

Em sua casa mandou-nos entrar, não para aquela saleta da «paisagem japonesa e do busto da Republica ausente», mas sim para uma sala mais ampla, mais confortavel, onde dois grandes maples dormiam já a sesta.

— Eu vou almoçar. Trave conhecimento com essa edição do Lusiadas que aí está.

Não chegámos a folhear a nossa epopea volumosa de fôlhas, que Biel certamente ilustra porque — oh! indiscrição! — encontrámos um pequeno voluminho de versos intitulado «Aguas», editado no ano da graça de 1909 por uma tipografia de Famalicão. «De quem eram os versos?» — preguntará o leitor. Mas do sr. Granjo! E sem elogio, podemos afirmar que s. ex.ª teve, e naturalmente terá ainda no seu coração, a arte de bem trovar o sentimento português em cantiga humilde e múrmura de ternura. Mas por Deus, vamos á entrevista. Por êste caminhon ão se chega a Roma, perdão! ao sr. ministro do comercio...

— O governo está satisfeito com o resultado das eleições? — dissemos, recostando-nos voluptuosamente num maple e com os olhos fitos, bem fitos, no sr. dr. Antonio Granjo.

Êste abriu a janela. Estabeleceu uma corrente de ar muito refrescante e muito perigosa; acendeu ainda um cigarro e respondeu:

— Como homem de Estado, não lhe posso dizer senão uma coisa: Estou satisfeito.

— O que deixa entrever...

— Que as eleições poderiam ser melhores para o meu partido. Quando fui para o norte, eu já esperava o resultado; disse-o mesmo a alguns amigos.

O insucesso eleitoral foi devido aos governadores civis

Aqui deveriamos ter preguntado a quem o sr. dr. Antonio Granjo atribue o insucesso eleitoral. Mas era um pouco duro fazer uma interrogação cujo conteudo, em parte, levasse um «insucesso». A frase foi estilada, foi esta:

— Mas porque foi?

— Primeiro, por causa dos governadores civis...

— Ah! os governadores civis. Era o que nós tinhamos pensado.

— Muitas dessas autoridades foram nomeadas para circulos onde não tinham influencia alguma.

E francamente o sr. dr. Antonio Granjo acrescenta:

— Havia até democraticos. Se você soubesse quanto custaram a nomear alguns governadores civis!

— Porquê?

— Já lá vamos. Tambem ccontribuiu, e bastante, no resultado eleitoral a demora na escôlha dos deputados. Perdemos o primeiro impulso. E perder o primeiro impulso...

— E' comprometer o segundo — redarguimos.

O sr. dr. Antonio Granjo, sentado visá-vis do jornalista, num daqueles maples que dormiam a sesta quando nós entrámos, não quiz responder. Estava um pouco triste. Poderia naquela altura cofiar classicamente a barba como que afastando uma dificuldade. Mas desprezou o gesto para dizer uma frase:

— Tudo isto se deve ás influencias pessoais.

— De quem?

— Fiquemos por aqui, não é melhor?

— Para o seu partido é, concordámos de todo o coração.

— Mas eu vou pôr a questão claramente num discurso que tenciono fazer.

— O partido liberal enferma de males. Um dêles, por exemplo, é a falta de coesão.

— Não é tanto assim, atenuou com bondade o sr. ministro do comercio. Os unionistas e os evolucionistas estão bem ligados, bem unidos...

— E os centristas?

— Alguns dêles tambem.

A proxima reunião de um congresso do partido liberal

Observámos que se são alguns, não são todos. Um dêstes ultimos será o sr. dr. Egas Moniz?

A interrogação impunha-se:

— Quem são os refractarios á união partidaria?

— Não cito nomes. Num proximo congresso virá então tudo a pêlo.

— Quantos deputados tem o seu partido?

O sr. dr. Antonio Granjo, que ainda não tinha aberto a sua correspondencia, correspondencia que constava de três cartas e alguns jornais da provincia, socorreu-se da «A Republica» e esclareceu:

— Deputados, 70; senadores, 27.

— Quantos contavam eleger?

— Cem.

— A maioria é debil, não é assim?

— E'. — E outra vez: — eu já esperava êste resultado; no entanto, tinha uma esperança...

— Que fosse melhor?

A sala enchera-se de sombra. Uma grande nuvem cobrira o sol. A janela empurrada pelo vento bateu violentamente. O sr. Granjo levantou-se e fechou-a. Aquela nuvem talvez correspondesse a outra que se estivesse adensando no espirito do sr. ministro do comercio. A conversa rodou — passe a metafora — sobre os calcanhares e foi bater á porta do partido monarquico, mas monarquico constitucionalista.

— O «Correio da Manhã» vem hoje alvoroçado, protesta em gritos de oh! da guarda! contra as eleições. Querem roubar-lhe as candidaturas da provincia. Até a do sr. Aires de Ornelas...

— Muito ruido por pouca coisa. O sr. Aires de Ornelas está eleito; não é preciso o governo dizê-lo. Nós, os jornalistas, diz o sr. Granjo com um sorriso afavel, sabemos somar. A soma da eleição do sr. Aires de Ornelas já está feita...

A conversa sobre os deputados monarquicos teve ramificações. Esta, por exemplo:

— Porque venceram os manuelistas no circulo ocidental de Lisboa?

— Eles nunca acreditaram na vitória. O meu partido perdeu por falta de propaganda. Muitos eleitores ficaram sem lista, outros recearam-se dos democraticos.

Uma conversa é, como todos sabem, cheia de imprevisto e cheia de inopinado. Tem muito de onda. Vem um assunto, outro, outro, volta-se ao primeiro, segue-se o segundo. Um ministro é multiplice de motivos. O sr. dr. Antonio Granjo não foge á regra, pelo contrário, está dentro e bem dentro dela pela sua inteligencia e pela sua ponderação. Tudo isto é... para apresentar agora uma interrogação, que já deveria estar feita no principio da entrevista:

— O governo mantem-se?

— Certamente!

— Vai ás camaras?

— Sim. Vai.

— Nenhum ministro tenciona sair antes?

— Não senhor!

— Quem é o «leader» do partido liberal na Camara dos Deputados?

— E' cêdo ainda para lho dizer. Como sabe, isso depende de uma reunião dos parlamentares do meu partido...

— Naturalmente é o sr. dr. Egas Moniz, dissemos propositadamente.

— Não, não é. O «leader» será uma antiga individualidade evolucionista e os sub-«leaders»...

E a janela bateu outra vez, o que obrigou o sr. dr. Antonio Granjo a levantar-se, a fechá-la melhor, a deixar a frase em meio e a encarar outro assunto. Tinha que ser assim, infelizmente. No maple outra vez, o sr. ministro do comercio começou a falar nos seus projectos:

— Estradas, redes telefonicas em todo o país; porto de Leixões, porto de Viana, porto da Figueira, porto de Aveiro. Tudo isto consta já de projectos que tenciono apresentar á camara. Tenho ainda tenção de abrir créditos para a Feira de Lisboa e para a Exposição Internacional do Rio de Janeiro...

— Para a realização dêsses projectos há que deitar mão de muito dinheiro.

— Levantarei emprestimos; já conto com alguns.

Aqui cabia o dos 50 milhões de dolares. Se o sr. dr. Antonio Granjo dissesse? Talvez com uma frase... Tentámos:

— Mas o governo tem agora tanto dinheiro...

— Não preciso dêle.

Estas palavras significam... Em conclusão: o emprestimo está feito.

— Pela Caixa Geral de Depositos levantarei oito mil contos para as estradas, dois mil para o porto de Aveiro...

— Para quando, todas essas belas obras?

O sr. ministro do comercio retorquiu-nos com um dictado que declarou de origem grega: — «Faz projectos como se vivesses cem anos». Assim tenho procedido nas minhas funções.

Entre o jornalista e o sr. ministro do comercio havia uma mesa. A mesa tinha uma certa extensão e nessa extensão por vezes perdia-se a voz um pouco rouca do sr. Antonio Granjo, nada afeita aos montes de Marão. «Agora a mesa!», exclamará o leitor. «Temos entrevista com um movel?» Não, não temos. E' porque, ao dictado grego seguiu-se uma questão delicada — a questão do Douro. A extensão da mesa dificultou-nos a audição. Se houver êrro...

A questão do Douro, a denominada revolta do Douro, tem muitos aspectos com que os politicos tem especulado. O governo tem sido a vitima.

— Um dêsses aspectos?

— O vinho do Porto produzido o ano passado é de qualidade inferior e tem pouca venda. Pensaram em tempo os lavradores e o governo que êle deveria ser queimado, transformando-se assim em aguardente. Daí redundaria um certo prejuizo em dinheiro que era necessario cobrir. O que queria o Douro?

— Diga-o v. ex.ª?

— Que o governo cobrisse êsse prejuizo, o que era impossivel. Dissemos, então, aos viticultores que se constituissem num «trust» ou num «cartel» para entabolarem negociações com o tal consorcio bancario organizado pelo governo. Não quizeram aceitar esta idéa.

— Esse é um dos aspectos; diga-nos agora outro.

— Sugerimos depois á gente do Douro a organização de uma sociedade civil, que se tornaria resopnsavel pelo empréstimo levantado.

— Concordaram?

— Não.

— O que vai fazer o governo?

— Apresentar ao parlamento propostas para extinguir a questão do Douro.

— Lembra-se de alguma?

— Uma delas deve ser a criação de caixas de credito para os viticultores em todos os concelhos.

O sr. dr. Antonio Granjo falou-nos ainda largamente do Douro, das vendas de vinhos generosos que por lá se fazem vantajosamente e dos inconvenientes que para o Estado resultariam da concessão de um credito. Um dêles:

— Outras industrias há, como a da cortiça e a dos lanificios, que atravessam tambem graves crises. Se êles nos pedissem ámanhã dinheiro, que lhes diriamos?

— A revolta lavra, no entanto, no Douro. Aquelas eleições de Vila Real...

— Especulações, nada mais. O sr. dr. Nuno Simões perdeu a sua eleição porque os democraticos inquiriram se o Douro elegia o seu candidato ou o candidato regionalista. Queriam sabê-lo para tomarem uma atitude. — E depois: — o regionalismo, como partido politico, falhou. Ninguem se servirá mais dessa idéa para atingir os seus fins.

E a um pequeno movimento nosso:

— O são regionalismo venceu nestas eleições em toda a linha. Quasi todas as regiões, principalmente a do norte, têm representantes nados e criados ali. Se o sr. Melo Barreto foi eleito senador por Vila Real, é porque, além de ser um devotado amigo do Douro, sempre se tem proposto por lá. Que me lembre, só o não fez na ultima legislatura. O sr. dr. Nuno Simões, que de resto se tem tambem interessado pelo Douro, é do Minho...

Era tarde, o automovel do sr. ministro do comercio, que tinha rodado habilmente logo de manhã sobre a placa central da rua para se acolher á sombra magra das arvores, sirenou. O sr. dr. Antonio Ganjo tinha ainda a desempenhar a função ministerial. Deixámo-lo. A' despedida, frisou:

— De tudo isto, pode dizer o que quizer.

Artur Portela

Santos Amaral, Limitada

IMPORTADORES-EXPORTADORES

Escritorios:

RUA DE S. JULIÃO, 100

Armazem de vendas

RUA DA PALMA, 225-229

Oficina Eletrotecnica

RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.

Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. L580-Armazem

SECÇÃO INDUSTRIAL

CONSERVAS DE PEIXE

Fabricas em:

Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche

Secção de Importação e Exportação

Cereais, Cacáu, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Aduela de Castanho italiano

SECÇÃO TECNICA

Maquinas e acessorios para todas as Industrias

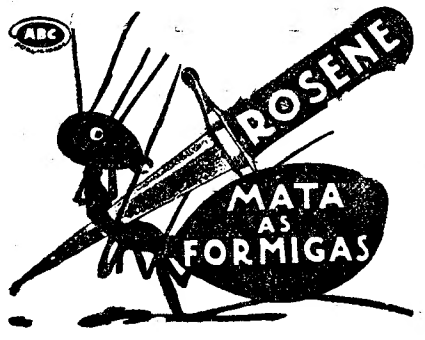
Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem Electricos, Dinamos, etc.

Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas

Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores

Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.
Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».
Aços especiais para ferramentas.

Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos



Deposito — MARINHO E AMARAL

R. do Jardim do Regedor, 23

LISBOA

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.°

N.° TELEFONICO: 4:233 — C.

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Séde: Rio de Janeiro

Capital: 50.000:000$000

Representantes em Portugal

PINTO & SOTTO MAYOR

Lisboa, Porto e Chaves

Está a pagamento o 6.° dividendo na razão de 10 % ao ano, ou seja Reis 10$000 M. B. por acção liberada, Rs. M. B. 5$000 por acção com 50 % de desembolso e Rs. M. B. 1$000 por acção com 10 % de desembolso.

O respectivo pagamento efectua-se a começar no dia 18 do corrente em a nossa Séde e nossas Filiais.

Lisboa, 14 de Julho de 1921.

Pinto & Sotto Maior

Nota — O pagamento acima efectuar-se-ha todos os dias uteis das 11 ás 12 e das 13 1|2 ás 15 horas, contra a apresentação dos certificados de acções e respectivos recibos.

A GARRETT

Pâtisserie et Restaurant

Table d'Hôte
Service à la Carte
Five ó clock tea
Lunchs et Soirées

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS

Grande baixa de preços!!!

Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
„ „ sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
„ „ musseline a 6490 e 7490 réis!
„ „ seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
„ „ seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!

10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e sabedal, a 2.000 réis!!!

Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!

GRANDE SALDO!

Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!

Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!

CAMISARIA MODELO

RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA

PREÇOS DE OCASIAO!

BORGES & IRMÃO—LISBOA

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO	RIO DE JANEIRO
Praça do Municipio, 35 a 38	R. do Bomjardim, 57 a 65	24, Rua da Alfandega, 24
Largo de S. Julião 1 a 6	R. Sá da Bandeira, 57 a 59	

END. TELEGR.: BORGIRMÃO» (LISBOA, PORTO, RIO DE JANEIRO)

TELEFONES: PORTO 302 | LISBOA 5416 C., 5417 C., 5418 C. | RIO DE JANEIRO 3151

Casa fundada em 1884

Efectuam todas as operações bancarias, tais como: Depositos a prazo e á ordem em moeda nacional e estrangeiras, descontos, transferencias, contas correntes, compra e venda de cambiais, moedas e notas estrangeiras, ordens telegraficas e por correspondencia, abertura de creditos, emissão de cheques sobre o país e estrangeiro, cartas de credito, ordens de bolsa no país e estrangeiro, compra de coupons, titulos nacionais e estrangeiros, emprestimos caucionados, serviço de cofres-fortes etc., etc.

Secção Maritima

Endereço telegrafico: "STEAMSHIP" TELEFONE n.° 2290 C

Representantes em Portugal da

The Anglo-Portuguese Steamship Co. Ld. e Isaacs Line

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
Rua do Ouro, 18, 24	Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.°

DAMIÃO & C.TA

57, Rua Garrett, 59

E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

EM LEIPZIG

EM REDOR DAS RECENTES ABSOLVIÇÕES DOS GENERAIS VON SCHACK E KRUSKA

Os delegados franceses e belgas retiram de Leipzig — Os comentarios da imprensa aliada

O govêrno francês mandou retirar de Leipzig os seus representantes e testemunhas e a Belgica acaba de fazer o mesmo, em virtude das irrisorias condenações e das absolvições de creaturas cujos crimes eram provados por inumeras testemunhas.

No julgamento dos generais von Schack e Kruska o tribunal que os absolveu da acusação de terem feito morrer tres mil prisioneiros por falta intencional de higiene e de tratamento medico, disse:

Estes dois acusados, qualificados de barbaros e de serem os piores criminosos da historia pelo govêrno francês, foram unicamente fieis soldados alemães que serviram a patria o melhor que puderam.

A estas palavras responde o «Matín»:

«E' disso mesmo que eles são acusados: fizeram a guerra segundo a entendiam e entendiam-na duma forma criminosa».

O Conselho Supremo vai discutir a questão e os processos serão entregues aos tribunais aliados.

Parece que a Alemanha não compreende a indignação que lavra entre estes: a imprensa belga, francesa e inglesa chama aos julgamentos «a comedia de Leipzig» «a parodia da justiça».

Entretanto, a indignação, sendo grande, é calma e sensata e não se encontram nos jornais grandes invectivas, pedindo castigo ou força.

Reconhecem que os acontecimentos vêm prejudicar grandemente o andamento das boas relações; não é com este procedimento que a Alemanha conseguirá que sejam levantadas as sancções do Rheno, a sua grande reclamação de hoje que entendem ser justa. Para o obterem exijam a justiça aos magistrados de Leipzig, obediencia aos bavaros que impedem o desarmamento, e mais sensatez aos Kelfferich e companheiros que se esforçam por neutralizar as reparações.

DE MADRID

Reina sossego em toda a Espanha...

MADRID, 16 — O ministro do Interior comunicou que reina sossego em toda a Espanha, informando que a policia de Cordova foi incumbida de descobrir os autores da explosão ali havida.—(R.)

Descoberta de materiais para fabricação de bombas

BARCELONA, 15—Foram encontrados num dos domicilios do sindicalista Vandellos, na calle del-Olvido, materiais para a fabricação de bombas.

Prisão dum bombista em Valencia

VALENCIA, 15—Foi preso Miguel Percher, que colocou no «Cine Serrano» de Ganoia uma bomba que, explodindo, feriu muitas pessoas.

Assinatura real

MADRID, 16—O presidente do conselho esteve a despacho com o rei, que recebeu depois a visita do presidente do supremo tribunal de guerra, general Marvas, e outras personalidades.—(R.)

Ataque a uma patrulha

CADIZ, 16—Nos montes de Alcalá Gazules, um bando de contrabandistas atacaram a tiro uma patrulha de carabineiros. Estes ripostaram matando um daqueles com uma bala que o atingiu num pulmão. —(R.)

O CONFLITO DO ORIENTE

A Inglaterra enviou á Turquia o general Harrington para conferenciar com Mustafá Kemal

Um acôrdo anglo-turco?—O jornal "Le Temps" deixa entrever que a paz será imposta ao rei Constantino

A politica internacional dá voltas imprevistas. Há pouco a França defendia os turcos em contradição com a Inglaterra que se inclinava para os gregos. Por um instante afirmou-se, senão a colaboração dos aliados no Oriente contra a Turquia, pelo menos a da Inglaterra; foi dada como certa a partida de reforços britanicos para a Grecia.

E agora a Inglaterra envia o general Harrington para ir entender-se directamente com Mustaphá Kemal pachá, sem nenhuns intuitos belicosos, é claro, levando tambem instruções para proteger Constantinopla, mas não aos turcos que não têm interesse nenhum em entrar em conflito com os aliados.

Diz o «Temps» a esse respeito:

«E' o rei Constantino e o seu estado maior que precisa desse conflito para que os aliados se vejam obrigados a tomar parte na guerra do Oriente contra os turcos. Os insucessos de agora não o afligem muito, porque trabalha por arrastar a França, a Italia e a Inglaterra á batalha que já desesperou de ganhar sosinho e diz a si proprio que, se Constantinopla estiver em perigo, os aliados irão forçosamente para a frente.»

«Tudo porêm se inclina para uma paz muito proxima, ainda que tenha de ser imposta aos gregos. A imprensa britanica chama loucura á intervenção da Inglaterra no Oriente e a incumbencia do general Harrigton tem por fim encontrar um meio de acordo e não de romper hostilidades.

Pregunta o «Temps» porque se não fará imediatamente um acordo anglo-turco, assim como já se fizeram os franco e italo-turco ainda que não ratificados como seria para desejar que já o tivessem sido.

As condições são conhecidas e são aceites; desde que os aliados «queiram» não é possivel fazer acatar a sua vontade pelo rei Constantino?

E se é necessario manter o exercito no Oriente por mais algum tempo, o mais sensato é procurar-se imediatamente uma forma rapida de firmar a paz, levando á Camara dos Deputados um projecto que defina a atitude da França com a Turquia, no qual se considere terminado o estado de guerra, logo que representantes da nação turca afirmem por um voto explicito aceitar a paz em bases determinadas no mesmo diploma e que já são conhecidas.

Votada esta resolução pelo governo francês, a Assembleia Nacional de Angora poderiam imediatamente pronunciar-se.

E estabelecida a paz num ponto, rapidamente se estenderia ao resto do Oriente.

Tal é a doutrina do «Temps» seguida pelo resto da imprensa.

Esta questão tem apresentado aspectos tão diversos que não se pode tirar uma conclusão definitiva; mas de tudo se pode inferir que os gregos perderam uma bela ocasião regeitando a oferta de mediação dos aliados e que «o sempre é tempo de intervir» de Constantino, chegará a uma forma muito diferente do que ele imaginava.

DE INGLATERRA

A proxima conferencia sobre a questão do desarmamento

O governo japonês e a China aceitaram o convite americano—Realizar-se-ha em Londres uma conferencia preliminar?—Um discurso de Lloyd George

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

LONDRES, 16.—O govêrno japonês aceitou o convite do presidente Harding para a conferencia do desarmamento, mas a mensagem estabelece que nessa conferencia não se trate nada sobre a questão do extremo Oriente.

A China aceitou o convite sem restrições.

A lembrança de se realizar uma conferencia preliminar, em Londres, antes da de Washington, não é bem acolhida em Washington. Nestas circunstancias não poderão os "Premiers" dos Dominios assistir á conferencia antes da primavera, por motivos de compromissos de politica interna. Num discurso pronunciado a noite passada, Lloyd George exprimiu a esperança de que a conferencia surta o efeito desejado, de modo que o Oceano Pacifico seja realmente pacifico.—(U. P.)

Chega a Berlim a comissão financeira norte-americana

Far-se-há um emprestimo alemão, nos Estados Unidos, na importancia de 700 milhões de dolars?

LONDRES, 16. — Informam de Berlim que a comissão financeira americana, presidida pelo sr. Tomas Lamont, cujo objectivo é a estabilidade do valor do marco, chegou ontem áquela cidade.

Tambem se afirma que se fazem esforços por se conseguir um emprestimo alemão, nos Estados Unidos, na importancia de 700:000.000 de dolars que seria caucionado pela propriedade alemã.—(U. P.)

UM PLAGIO?

A' VOLTA DO PROCESSO INSTAURADO POR PIERRE BENOIT Á "FRENCH QUATERLY"

O romance francês "L'Atlantide" de Pierre Benoit e o romance inglês "She" de Rider Haggard

O processo discutido actualmente nos tribunais franceses, instaurado pelo autor de *L'Atlantide*, Pierre Benoit, é de natureza a atrair a atenção, não só dos intelectuais franceses, mas de todos aqueles a quem chegou a sua obra, famosa entre as melhores obras que o espirito francês tem produzido ha muitos anos.

No fim de 1919, Pierre Benoit, um novo, publicou o romance *L'Atlantide*, que a Academia Franceza galardoou com o grande premio de literatura e que dum dia para o outro lhe deu celebridade mundial.

L'Atlantide marca no romance uma orientação diversa da seguida hoje: ao romance essencialmente psicologico substitue o romance de imaginação, partindo de conhecimentos scientificos e sem descurar a psicologia dos personagens.

De envolta com o entusiasmo geral, apareceu, porém, um artigo na revista de propaganda *French Quaterly*, em que o autor de *L'Atlantide* era acusado de ter plagiado o romance inglês de Rider Haggard, *She*.

Esta acusação, formulada por cinco veves e duma forma categorica, é um ataque desleal, que vai além dos direitos da critica e que peritos demonstraram ser completamente destituida de fundamento, pois entre os dois romances não ha nenhum ponto de contacto.

Considerando que a acusação de plagiato é uma injuria á probidade do autor, que a sua reputação não é bastante forte para resistir aos artigos duma revista de propaganda que publica artigos dos homens mais eminentes, como Boutroux, Bergson, etc., que o artigo sobre *L'Atlantide* teve a maior repercussão e que todos os jornais foram unanimes em o considerar como uma acusação formal de plagiato, Pierre Benoit instaurou o processo que agora se julga, para ser justificado na sua probidade e obter a indemnisação material que o prejuizo causado requere.

A sala de audiencias estava cheia de intelectuais, que acompanham o processo.

Mas onde se encontra esse Rudler que assinava o artigo?

Ignora-se quem se oculta sob esse pseudomino, que nem ainda quiz tomar a responsabilidade do seu artigo, de forma que os processados são os directores da *French Quaterly*.

O julgamento foi suspenso até novo aviso.

LABORATORIOS DA FARMACIA
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Dores
Dores de cabeça
Dores nevralgicas
Dores rheumaticas
etc., etc.

Curam-se em curtos momentos com

QUINOPYRINA

Sem perturbação para o coração, nem fadiga para o estomago ou rins

Farmacias { LISBOA—R. Nova de Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

"Diario de Lisboa"
Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

"LES AMÉRICAINS CHEZ NOUS"

Uma estatistica interessante

8:000 bocas comem em 15 dias o que abaixo se verá — Os americanos gostam de batatas

Está fundeada no Tejo a 2.ª esquadra americana do Atlantico, sob o comando do almirante Hughes. Os 8.000 marinheiros americanos que compõem a tripulação dos cinco cruzadores, vão demorar-se em Lisboa quinze dias e trataram já, naturalmente, de fazer as suas provisões—conforme a tabela que abaixo publicamos. Há certas dificuldades em fornecer a esquadra americana dalguns generos que em Lisboa não existem e que terão de ser substituidos por outros. Aos fornecedores foi entregue a seguinte requisição, que será satisfeita por meio de propostas:

15.000	ovos
1.920	quilos de assucar refinado (Tongue)
2.400	» » » » (Bacon)
7.200	» » » » (Ham)
960	» » salsicha de Bolonha
3.000	» » carne de porco
33.600	» » carne de vaca congelada
2.880	» » frango congelado
2.880	» » peixe fresco
2.880	» » figado congelado
3.640	» » carne de porco congelada
3.120	» » salsicha de porco congelada
4.080	» » carne de vitela
1.440	» » beterrabas
4.080	» » couve
1.440	quilos de cenoura
2.400	» » couve-flor
960	» » pepino
340	» » alface
12.000	» » cebola
108.000	» » batata
9.600	» » batata doce
480	» » rabanetes
2.400	» » tomates
1.200	» » nabos
4.800	» » maçãs
6.000	» » bananas
7.200	» » uvas
720	» » limões
4.800	» » laranjas

A maior quantidade requisitada é a de batatas e a menor a de alface. E' claro que os nossos *desinteressados* vendedores da praça da Figueira e de outras praças aproveitaram já o ensejo para subir alguns furos o preço dos generos. Entretanto, ninguem toma providencias.

EM ALCANTARA

Um incendio destroi a Oficina Metalurgica da rua Fradesso da Silveira

Devido a excesso de calor na forja da oficina da Metalurgica Limitada, na rua Fradesso da Silveira, 43 a 49, em Alcantara, declarou-se hoje, pelas 10 horas, incendio no vigamento e tecto da mesma oficina e no soalho do 1.º andar.

Pedidos socorros no quartel de bombeiros, que fica fronteiro, ali compareceu vario material e pessoal, que depressa extinguiram o incendio com o emprêgo de uma agulheta.

A oficina está segura na Companhia Atlantica. A propriedade, que pertence aos herdeiros do conde de Burnay, sofreu prejuizos de importancia.

Seguros Sociais

O conselho de administração dá o seu parecer favoravel a alguns processos

O conselho de administração do Instituto de Seguros Sociais aprovou os processos em que são responsaveis a Mutualidade dos Industriais de Metalurgica e Artes Correlativas do Porto e Gaia, em que é sinistrado e pensionista Manuel José Rodrigues, qela quantia anual de 22$95, e a Mundial, em que é sinistrado Manuel Pereira da Silva e pensionista Rita de Sousa Moreira, pela quantia de 122$40.

Malas postais

Pelo *Canadá* são ámanhã expedidas malas postais para os Açores e New York, e pelo *Alban*, para o Pará e Manaus, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral para ambos.

Bolsa de Lisboa

Dia 16

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	35$00	37$00
s|Londres cheque	8 1|8	7 7|8
» 90 d. v.	8 3|8	—
Rio s|Londres	613|16	—
s| Paris	635	645
s| Italia	369	375
s| Belgica	621	631
s| Suissa	1342	1364
s| Espanha	1050	1070
s| Berlim	108	112
s| Holanda	2590	2640
s| Nova York	8130	8270
Rio Brasil	120	110
T. Desc. Banco de Inglaterra	7 0|0	—
» » » » Portugal	7 0|0	—
Agio do ouro	500	600

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	6|,40
» s|Londres	28,12
» s|New-York	7,65
» s|Berlim	10,30
Paris s|Londres	—
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	28,15 1|2
» s|Roma	79,50
» s|New-York	3,63
» s|Berlim	271,50
» Amsterdam	11,39
» s|Genebra	2179, 1|2
» s|Belgica	47,57 1|2
» s|Suecia	17,15 1|2
» s|Austria	2,40

O sr. ministro do interior no governo civil

O sr. ministro do interior esteve esta tarde no governo civil, onde foi cumprimentar, em nome do governo, o chefe do distrito, que reassumiu as funções do seu cargo. O general sr. Abel Hipolito pediu ao sr. Lelo Portela para continuar á frente da chefia do distrito.

Ultimas Noticias

DE INGLATERRA

A conferencia entre Lloyd George e De Valera

Durante a conversa, que durou cêrca de três horas, o povo ajoelhou e rezou pelo bom sucesso das negociações

LONDRES, 16.—A conferencia de ontem entre Lloyd George e De Valera durou cêrca de tres horas. Durante este tempo inumera multidão se apinhava á volta da Downing Stréet. Grande parte do povo, ajoelhado, implorava com orações o bom sucesso das negociações.—(U. P.)

A proxima viagem da rainha da Holanda

LONDRES, 16.—A rainha da Holanda, acompanhada da princesa Juliana, sairá do seu naiz a 3 de Agosto em viagem pelas costas da Noruega.—(U. P.)

NA SUECIA

Um incendio destroe uma floresta

STOCKOLMO, 16.—Um incendio destruiu em Oskarsham uma floresta de dez quilometros de comprimento e seis de largo, bem como grandes campos de trigo e pomares.

DE PARIS

O NOVO EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS SR. HERRICK CHEGOU OMTEM Á CAPITAL FRANCEZA

Uma visita ao tumulo do soldado desconhecido—Chegada do marechal Fayolle—O 14 de Julho na Polonia —Chega a Marselha o vapor japonez «Kamakaga Maru»

PARIS, 16

O sr. Herrick, novo embaixador dos Estados Unidos em Paris, foi alvo duma calorosa manifestação por parte da multidão que o aguardava na «gare». Um dos primeiros actos do novo embaixador foi uma peregrinação á tumba do soldado desconhecido.

Chegou da sua missão da America o marechal Fayolle, que foi muito ovacionado na gare de Paris.

Na Polonia, sobretudo em Varsovia, foi celebrada com entusiasmo a festa do 14 de Julho. Em todas as guarnições houve missa solene e as tropas desfilaram pelas principais ruas da cidade de Varsovia.

Chegou a Marselha o vapor japonês «Kamakaga Maru» trazendo a bordo o novo consul do Japão em Berne e o adido da delegação japonesa nesta cidade. — (R.)

AFONSO COSTA

Parte na proxima semana para Cauteret, o sr. dr. Afonso Costa.

DE BERLIM

UM PROTESTO CONTRA O ESTABELECIMENTO DE UMA COMISSÃO DE SOCORROS AOS EMIGRADOS RUSSOS

A comissão inter-aliada concedeu a Korfanty o direito de residir na Alta Silesia ---- No julgamento dos criminosos de guerra em Leipzig

BERLIM, 16

O governo dos «soviets» dirigiu á Liga das Nações um veemente protesto contra o estabelecimento de uma comissão especial de socorro aos emigrados russos.

Korfanty voltou de Varsovia para Schoppinitz, depois da comissão inter-aliada lhe ter concedido o direito de residencia na Alta Silesia.

O advogado geral da Inglaterra no tribunal de Leipzig, sir Ernest Pelleck, deixou esta cidade, dirigindo-se para Londres. A delegação inglesa, porém, permanece em Leipzig até á conclusão dos processos dos culpados da guerra.—(R.)

EM FELGUEIRAS

Manifestou-se incendio em casa dum comerciante

FELGUEIRAS, 16.—Manifestou-se hoje incendio no predio habitado pelo comerciante desta vila Isaias da Costa. O predio ficon bastante danificado. Os bombeiros fizeram muito bom serviço.

HORARIO DOS COMBOIOS DA LINHA DE CASCAIS, DESDE 20 DE JULHO DE 1921

"DIARIO DE LISBOA"

Estações e apead.	101	1	103	3	105	107	109	111	5	113	201	7	9	115	117
					(a)		(a)			(b)	(b)				
	H.M.	H.M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.
Cais do Sodré Pa	0 45	7 20	9 00	10 30	12 00	13 00	14 00	16 00	17 25	18 15	18 50	19 00	19 40	21 10	23 10
Santos (ap.) »		7 23	9 03	10 33		13 03	14 03	16 02	17 28			19 03	19 43		
Alcantara Mar. »		7 27		10 37			—	16 06	17 32			19 07	—		
Junqueira (ap.) »		—		—			—		—			—	—		
Belem »		7 33		10 43			14 11		17 38			19 13	19 52		
Bom Suces. (ap.) »		—		—			—		—			—	—		
Pedrouços »		7 37		10 47			—		17 42			19 17	19 56		
Algés »	0 58	7 40	9 16	10 50		13 16	14 17	16 16	17 45			19 20	19 59	21 23	23 23
Dáfundo (ap.) »	—	7 42	—	10 52		—	—	16 18	17 47			19 22	20 01	—	—
Cruz Quebrada. »	1 02	7 45	9 20	10 55	12 16	13 20	14 22	16 21	17 50	18 31		19 25	20 04	21 27	23 27
Caxias »	1 06	7 50	9 25	11 00	12 21	13 25	14 27	16 26	17 55	18 36		19 30	20 09	21 31	23 31
Paço d'Arcos »	1 11	7 55	9 30	11 05	12 26	13 30	14 32	16 31	18 00	18 41		19 35	20 14	21 36	23 36
Sant.Amaro(ap.) »	1 15	8 00	9 35	11 10	12 31	13 35	14 37	16 36	18 05	18 46		19 40	20 19	21 40	23 40
Oeiras »	1 17	8 03	9 38	11 13	12 34	13 38	14 40	16 39	18 08	18 49		19 43	20 22	21 42	23 42
Carcavelos »	1 21	8 07	9 42	11 17	12 38	13 42	14 44	16 43	18 12	18 53		19 47	20 26	21 46	23 46
Parede »	1 24	8 11	9 46	11 21	12 42	13 46	14 48	16 47	18 16	18 57		19 51	20 30	21 49	23 49
Cae Agua (ap.) »	1 28	8 14	9 49	11 24	12 45	13 49	14 51	16 50	18 19	19 00		19 54	20 33	21 53	23 53
S. J. Estor. (ap.) »	1 31	8 18	9 53	11 28	12 49	13 53	14 55	16 54	18 23	19 04	19 23	19 58	20 37	21 56	23 56
Estoril »	1 33	8 21	9 56	11 31	12 52	13 56	14 58	16 57	18 26	19 07	19 26	20 01	20 40	21 58	23 58
Mon. Estor.(ap.) »	1 36	8 24	9 59	11 34	12 55	13 59	15 01	17 00	18 29	19 10	19 29	20 04	20 43	22 01	0 01
Cascais Che.	1 38	8 26	10 01	11 36	12 57	14 01	15 03	17 02	18 31	19 12	19 31	20 06	20 45	22 03	0 03

Estações e apeadeiros	102	104	2	4	6	202	106	108	110	8	112	114	116	118
						(b)							(a)	
	H.M.	H.M.	H.M.	H.M.	H.M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.	H. M.
Cascais Part	0 00	1 00	5 55	7 30	8 30	9 34	9 50	11 15	13 00	15 45	18 10	19 45	21 25	22 30
Monte Estoril (ap.). »	0 02	1 02	5 58	7 33	8 33	9 37	9 53	11 18	13 03	15 48	18 13	19 48	21 28	22 33
Estoril »	0 05	1 05	6 01	7 36	8 36	9 40	9 56	11 21	13 06	15 51	18 16	19 51	21 31	22 36
S. J. do Estoril (ap.) »	0 08	1 08	6 05	7 40	8 40	9 44	10 00	11 25	13 10	15 55	18 20	19 55	21 35	22 40
Cae Agua (ap.) »	0 11	1 11	6 08	7 43	8 43		10 03	11 28	13 13	15 58	18 23	19 58	21 38	22 43
Parede »	0 15	1 15	6 12	7 47	8 47		10 07	11 32	13 17	16 02	18 27	20 02	21 42	22 47
Carcavelos »	0 18	1 18	6 16	7 51	8 51		10 11	11 36	13 21	16 06	18 31	20 06	21 46	22 51
Oeiras »	0 22	1 22	6 20	7 55	8 55		10 15	11 40	13 25	16 10	18 35	20 10	21 50	22 55
Santo Amaro (ap.) »	0 24	1 24	6 22	7 57	8 57		10 17	11 42	13 27	16 12	18 37	20 12	21 52	22 57
Paço d'Arcos »	0 28	1 28	6 27	8 02	9 02		10 22	11 47	13 32	16 17	18 42	20 17	21 57	23 02
Caxias »	0 32	1 32	6 31	8 06	9 06		10 26	11 51	13 36	16 21	18 46	20 21	22 01	23 06
Cruz Quebrada »	0 36	1 36	6 36	8 11	9 11		10 31	11 56	13 41	16 26	18 51	20 26	22 06	23 11
Dáfundo (ap.) »			6 39	8 14	9 14		—		—	16 29	—	—	—	—
Algés »	0 40		6 42	8 17	9 17		10 36		13 46	16 32	18 56	20 31	22 11	23 16
Pedrouços »			6 44	8 19	9 19					16 34				
Bom Sucesso (ap.). »			—	—	—					—				
Belem »			6 49	8 24	9 24					16 39				
Junqueira (ap.) »			—	—	—					—				
Alcantara Mar »			6 54	8 29	9 29					16 44				
Santos (ap.) »			6 59	8 34	9 34					16 49				
Cais do Sodré Che.	0 53	1 52	7 01	8 36	9 36	10 15	10 49	12 12	13 59	16 51	19 09	20 44	22 24	23 29

Todos estes comboios fazem serviço de bagagem e recovagem.
O numero de passageiros nestes comboios é limitado.
(a) **Só se efectuam aos domingos e dias feriados.**
(b) **Não se efectuam aos domingos e dias feriados.**
Comboios em que são válidos os bilhetes de 3.ª classe, mensais e semanais, da tarifa especial n.º 2 de grande velocidade, para operarios e trabalhadores:—Comboios 1, 5, 7, 9, 2, 4, 112 e 113.

O "Diario de Lisboa" encontra-se á venda, na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril